



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

WAGNER SARAIVA DE MOURA

Projeto de pesquisa:

**ENTRE A HISTÓRIA E A POESIA: UMA ANÁLISE EM TORNO DA CATEGORIA
*SERTANEJO***

REDENÇÃO

2022

WAGNER SARAIVA DE MOURA

Projeto de pesquisa:

**ENTRE A HISTÓRIA E A POESIA: UMA ANÁLISE EM TORNO DA CATEGORIA
*SERTANEJO***

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de título de Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Jo Ami Rodrigues da Silva Maia.

REDENÇÃO

2022

WAGNER SARAIVA DE MOURA

**ENTRE A HISTÓRIA E A POESIA: UMA ANÁLISE EM TORNO DA CATEGORIA
SERTANEJO**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jo A-mi Rodrigues da Silva Maia (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes (Examinador interno)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB (BHU)

Doutorando Ícaro Lênin Maia Malveira (Examinador externo)

Universidade Federal Goiás - UFG (Artes visuais)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	04
2. JUSTIFICATIVA	06
3. OBJETIVOS	09
3.1. Objetivo geral	09
3.2. Objetivos específicos	09
4. REFERENCIAL TEÓRICO	10
5. METODOLOGIA.....	18
6. REFERÊNCIAS	19
7. ANEXOS	22

1. INTRODUÇÃO

O estudo das fontes históricas, assim como o estudo da História, em termos gerais, possibilita que os seres humanos explorem acontecimentos que antecedem o cenário social a qual se encontram inseridos. A partir das contribuições de historiadores como Marc Bloch, é possível afirmar que é de suma importância conhecer o passado, para entender o presente e a partir deste se construir um futuro. Para Marc Bloch (2002, p. 117) “o futuro é aleatório. O passado é um dado que não deixa mais lugar para o possível”. Enquanto o passado permanece estático perante o conceito de mudança, o futuro caminha junto ao sentido de incerteza, uma vez que este mesmo se encontra em constante construção, ao estar diretamente influenciado pelos eventos desencarnados no presente.

A partir de reflexões sobre o campo de estudos da literatura, como as que se encontram presentes na obra "Literatura e sociedade", de Antonio Cândido, é possível afirmar que a identidade de uma obra literária é, em parte, um reflexo da bagagem acadêmica e das perspectivas de vida de seu idealizador, não sendo, porém, uma regra absoluta. Nesse sentido, quem dar vida ao processo de criação da obra é o principal agente do grupo envolvido ou o único capaz de conceber delimitações para o rumo de uma obra, enquanto esta se encontra em estágios de desenvolvimento. Embora obras como "Os sertões", de Euclides da Cunha, apresentem em seus enredos acontecimentos verídicos de caráter histórico, a partir do momento em que estes acontecimentos são registrados dentro da seara literária, passam a ter natureza literária, ficando sujeitos às perspectivas do autor e as adaptações que ele julgar necessárias. Incontáveis são as obras cujos enredos e personagens transitam do início ao fim entre o mundo real e o mundo ficcional, seja citando acontecimentos verídicos de maneira direta e detalhada ou apenas fazendo referências pontuais a estes mesmos. Antônio Cândido (2009, p.51) defende que a afirmação de que “a personagem é um ser ficcional” parece visivelmente um paradoxo, uma vez que, nas palavras do próprio autor: “Como pode existir o que não existe?”. Como idealizar algo inexistente? A partir disso, é seguro dizer que a inspiração é algo de suma importância para que se possa surgir uma idealização. No caso de idealizações/construções sociais como o termo “sertanejo”, a inspiração nasce a partir da observação do espaço ao qual o termo se associa, em conjunto com as perspectivas de mundo dos indivíduos que realizam esta observação.

Inicialmente visto como um agente de delimitação geográfica, o termo “sertanejo” enquanto uma construção de caráter social, carrega uma ampla versatilidade perante o

potencial de desbravamento a partir de inúmeras vertentes, sejam históricas ou literárias, perpassando temas diversos como por exemplo o drama e o humor. Não é possível que nenhuma ideia já estabelecida sobre o sertanejo nordestino, enquanto um grupo social, abranja com precisão absoluta esse conceito, pois é visível que tanto a vida, quanto o cotidiano em que todos viventes encontram-se inseridos socialmente são imprevisíveis, não se encaixando e nem seguindo projeções previamente idealizadas. Este projeto de pesquisa foi desenvolvido a partir da ideia de pensar sobre a figura do sertanejo nordestino no decorrer da história do Brasil em diálogo com representações do sertanejo nordestino encontradas na literatura. Para tal, procurou-se tomar como referências dois importantes autores da poesia do nordeste brasileiro, a saber:

Patativa do Assaré e João Cabral de Melo Neto.

2. JUSTIFICATIVA

A literatura é uma promissora agente de ligação e um importante instrumento do conhecimento. Uma ligação imprevisível como esta é, em muitos casos, o passo inicial para a construção de fortes e duradouras conexões, sejam de caráter intelectual e estritamente profissionais ou de caráter afetivo. A partir das ideias defendidas por Antonio Cândido em seu ensaio publicado originalmente em 1985 e intitulado "O direito à literatura", é seguro dizer que a literatura é um caminho para o estágio de desenvolvimento de caráter pessoal, denominado humanização.

Pessoalmente, a ligação com a literatura foi o ponto de início para o desenvolvimento de um inesperado e intenso fascínio tanto pela figura do sertanejo nordestino, quanto pelo nordestino e nordeste brasileiro como um todo. Acredito que o meu interesse e ligação com a literatura esteja relacionada a dois fatos: primeiro, um interesse pela construção de narrativas, tendo sua origem em meus primeiros anos escolares. Tinha/tenho esse fascínio pelos saberes históricos como algo tão profundo quanto a minha conexão com a literatura, tanto que, após concluir o curso de Bacharelado em Humanidades, pretendo ingressar no curso de licenciatura em História. Acredito que este passo do projeto, ajudará em muitos aspectos o desenvolvimento da pesquisa que quero desenvolver. O segundo fator se relaciona a alguns momentos ao longo da minha infância, em que a minha saúde poderia ser descrita talvez como “relativamente frágil”. Nesses momentos, a literatura veio a se tornar para mim uma agradável “distração”, algo de suma importância até os dias atuais. Até onde consigo lembrar, obras de autores como Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto e Patativa do Assaré foram os meus primeiros grandes contatos com a literatura brasileira. Em paralelo a isto, consigo lembrar, a curiosidade sempre foi uma característica que se destacou em mim. Durante o longo período escolar, sempre questionava o que me era dito e hoje percebo que essa curiosidade talvez tenha impulsionado o meu desejo de direcionar minha vida acadêmica ao campo da História, sendo este projeto uma representação disto.

Não à toa, afirmou Marc Bloch (2002, p.65) que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado”. Neste sentido, acredito que um ponto de partida para começar a explorar a história é conhecer, saber distinguir e compreender como os aspectos temporais, como presente e passado, se relacionam. Fazendo uma reflexão geral acerca dessa discussão, uma coisa me parece nítida: sem a ocorrência dos fatores pessoais, nos quais relatei, a concepção deste texto certamente não seria algo possível. E quanto mais reflito sobre a

minha ligação com a literatura e o meu interesse pela História, mais fico pensando em uma frase de Davi Kopenawa Yanomami (2015, p. 376): “Quando se é jovem, ainda não se sabe nada”. Embora essa frase, assim como o seu direcionamento dentro da obra de Kopenawa, não possua conexão direta com a temática a qual pretendo pesquisar, - a discussão sobre o conceito de “sertanejo” com recorte nos sertões nordestinos -, esta frase possui valor pessoal para mim. Visualizo que, enquanto uma afirmação de natureza vaga, esta frase pode ser plenamente utilizada em discussões relacionadas a temáticas como a que pretendo pesquisar, que destoam de seu sentido original. Mesmo não conseguindo afirmar se o interesse por esta área em questão se deva ao fato de eu ter vivido a maior parte da vida em uma cidade do interior ou por vir de uma família com muitos agricultores, o que posso dizer é que essa é uma temática com a qual me sinto bastante confortável em me aprofundar, pois vou buscando, constantemente, esse diálogo entre Literatura e História: como os conflitos ocorridos no arraial de Canudos, na Bahia, entre os anos de 1896 e 1897, que ficaram conhecidos popularmente como “Guerra de Canudos” e foram narrados, também, em “Os sertões”, de Euclides da Cunha; ou a grande seca de 1915, que fez com que inúmeras famílias deixassem seus lugares de origem em busca de sobrevivência e melhores condições de vida, acontecimentos estes parcialmente abordados por Rachel de Queiroz em sua obra “O quinze”. Assim, pensando acerca do que popularmente classificamos como registro histórico, vem-me à memória uma afirmação do professor e historiador José D'Assunção Barros (2013, p.14), qual seja: “a história é um universo em expansão”. Refletindo acerca desta afirmação e de outra, do mesmo autor, que diz ser a história “uma paródia ao que é estabelecido pela astrofísica”, percebo que um dos poucos limites para este aumento constante na criação de novos registros, assim como, para a criação de registros históricos como um todo, é a capacidade e a existência humana, pois enquanto houver pessoas haverá história. Parece-me seguro, de outra maneira, dizer que o mesmo, ou algo semelhante, pode vir a se afirmar acerca da literatura. Ao observar a literatura com certa atenção, torna-se perceptível que esta mesma se encontra em uma conexão regular e sem precedentes com a história, seja em tempo real aos acontecimentos registrados ou com um relativo espaço de tempo. Posso citar como um exemplo a obra "Os sertões", de Euclides da Cunha, publicada cinco anos após o fim dos acontecimentos sobre os quais relata. Por mais que uma obra literária siga com fidelidade acontecimentos reais em seu enredo, adaptações certamente terão de ser feitas para alcançar uma maior fluidez e estabilidade dentro da trama desenvolvida pelo autor. Como apontado pelo crítico literário Antonio Cândido (2006, p. 62): “a arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os

sentimentos”. Neste sentido, duas perspectivas paralelas se estabelecem: 1. a realidade, o que condiz com as experiências sociais do cotidiano, assim como com os registros de caráter histórico, registros estes que, por mais importantes e relevantes que sejam, só poderão vir a ser considerados autênticos após longas pesquisas e estudos: “por mais importante que seja a perspectiva histórica, só poderemos atingi-la após longas pesquisas” (STRAUSS, 2013, p. 27); 2. E a ficção, algo que por mais que se conecte relativamente com o que está estabelecido pela realidade, não possui interesse algum de se adaptar a esta mesma, pois a literatura não é de maneira nenhuma um reflexo da realidade.

A observação da realidade social é visivelmente o ponto de partida para entender a literatura como uma representação do conhecimento, como afirmou Antonio Cândido em uma entrevista à revista *Trans/form/ação*, da Unesp (1974, p. 19): “Acho que é melhor sempre partir das formas, porque delas é possível chegar ao que a literatura é como conhecimento”. Afinal, a concepção criativa de um autor é de certa maneira semelhante ao processo de montagem de um quebra-cabeças em que, para se tornar algo visivelmente concreto, necessita-se primeiramente trabalhar com algo de forma abstrata. Uma obra literária, enquanto algo de existência relativa e complexa, tem a sua concepção originada a partir das percepções pessoais que estão conectadas às vivências e a realidade social do autor ou aos acontecimentos que lhe orbitam. Hoje percebo quanto valor e significado pessoal esses percursos possuem para mim e como me ajudaram a entender, de uma maneira bem mais simples, a minha conexão com a Literatura e o meu fascínio pela História, podendo resumir ambos através de uma simples palavra chave: vivências.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral:

Analisar as representações da categoria “sertanejo”, do nordeste brasileiro, a partir de obras poéticas de João Cabral de Melo Neto e Patativa do Assaré, propiciando diálogos teóricos entre os campos da Literatura e da História.

3.2. Objetivos específicos:

- Abordar cada obra literária, individualmente, analisando o contexto histórico brasileiro quando cada obra foi escrita;
- Analisar, historicamente, os conceitos de Nordeste e Sertanejo;
- Discutir as representações da figura do sertanejo nordestino nas obras em análise de João Cabral de Melo Neto e Patativa do Assaré.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Michel Foucault (1996, p.26): “a multiplicidade aberta, o acaso, são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. Idealizações como obras literárias e construções de caráter social, cujo desenvolvimento é quase sempre gradativo, tendem a se desenvolver, inicialmente, não a partir de uma discussão, mas do que contribuiu para existência desta mesma. Um escritor é antes de tudo um ser humano, um indivíduo que faz parte de uma realidade social, uma pessoa executando funções específicas em meio ao seu grupo social, ou, nas palavras de Antonio Cândido (2006, p. 83), o escritor “é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, que o delimita e especifica entre todos, mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores”. Assim, percebo que não é possível o estabelecimento de quaisquer envoltimentos saudáveis com o mundo real sem que se estabeleçam envoltimentos em simultânea conexão com o mundo ficcional, não necessariamente nesta ordem. Segundo Cândido (2004, p. 176): “a literatura é uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”, sendo esta mesma uma existência de caráter temporal e alcance universal, que se manifesta através da existência e do desenvolvimento individual e coletivo de todos os seres humanos.

A partir dessas considerações percebo o quão complexo é todo o processo em que começamos a conceber histórias, desde que aprendemos as primeiras palavras, tornando-as cada vez mais complexas, ao mesmo passo de nosso desenvolvimento pessoal, como se esta característica fosse uma extensão de nossa própria vida. Indo desde obras que possuem uma construção breve ou extensa, com enredo simples ou complexo (com muitas camadas), estruturada a partir de estrofes ou parágrafos, é visível como a literatura em toda a sua complexidade é um campo de estudo amplo, cujos limites durante o processo de idealização e escrita são praticamente inexistentes ou pouco conhecidos, sendo que o único capaz de estabelecer limites para uma criação é o seu respectivo idealizador. Isto se conecta a algo que afirmo acima acerca da literatura, semelhantemente a história, ser um universo em expansão. No caso desta pesquisa, pretendo me deter nos estudos das obras *Morte e Vida Severina* e *Cante Lá que Canto Cá*. Em *Morte e Vida Severina* temos João Cabral de Melo Neto (1920-1999), que foi um poeta e diplomata Brasileiro, nascido em Recife, Pernambuco.

Tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e autor de populares poemas como: *Morte e Vida Severina* e *Pedra do sono*.

O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;

João Cabral de Melo Neto (2007, p. 74)

Nesses primeiros versos, o retirante Severino (o protagonista) começa a se apresentar ao leitor, indicando qual Severino ele é, pois segundo ele próprio narra, seria apenas mais um dos muitos que habitam aquela serra pernambucana.

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,

de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.

(João Cabral de Melo Neto, 2007, p. 74)

Nestes trechos de sua narrativa, João Cabral de Melo Neto apresenta com clareza um pouco das experiências de vida do retirante, chamado Severino, pelas margens do rio Capibaribe. Em meio a sua apresentação de qual Severino ele é, expressa como é a vida em meio a realidade a qual está inserido, sendo esta uma realidade dura, cercada por desventuras e incertezas, uma luta pela sobrevivência que, muitas vezes, se inicia em paralelo com a vida e só termina com a morte. Após a apresentação do retirante Severino, somos apresentados a dois homens que cruzam seu caminho:

— A quem estais carregando,
irmãos das almas, embrulhado
nessa rede? dizei que eu saiba. —
A um defunto de nada, irmão das
almas, que há muitas horas viaja à
sua morada.
— E sabeis quem era ele,
irmãos das almas, sabeis como
ele se chama ou se chamava?
— Severino Lavrador, irmão
das almas, Severino Lavrador,
mas já não lavra.

João Cabral de Melo Neto (2007, p. 75)

Nesta estrofe, o sertanejo expressa curiosidade, um dos mais típicos sentimentos humanos, ao se questionar quem estava sendo carregado pelos dois homens. A resposta era algo que ele conhecia, o homem era mais um dentre muitos inseridos no ciclo de morte e vida, comum em sua região: mais um dentre muitos “Severinos”.

Já em *Cante Lá que Canto Cá* temos Patativa do Assaré (1909-2002), um poeta e repentista brasileiro, um dos mais proeminentes representantes da arte popular nordestina do século XX. Entre suas principais obras estão: *Cante Lá que Canto Cá* e *A triste partida*. Abaixo, vou me deter sobre alguns trechos da obra:

Se aí você teve estudo

Aqui, Deus me ensinou tudo
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui
Que eu também não mexo aí
Cante lá, que eu canto cá

Você teve inducação
Aprendeu munta ciência
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência
Nunca fez uma paioça
Nunca trabaizou na roça
Não pode conhecê bem
Pois nesta penosa vida
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem

(Patativa do Assaré, 1978 p. 25-38)

Nestas estrofes o sertanejo ao se dirigir a um indivíduo de uma grande metrópole, cria em sua fala franca uma alternância contínua ao pontuar os conhecimentos que possuem o indivíduo da metrópole e ele.

Repare que a minha vida
É deferente da sua
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua
Já eu sou bem deferente
Meu verso é como a simente
Que nasce inriba do chão
Não tenho estudo nem arte
A minha rima faz parte
Das obra da criação

(Patativa do Assaré, 1978 p. 25-38)

Neste trecho, o sertanejo aponta ao forasteiro da metrópole as diferenças que distinguem as rimas das poesias das grandes metrópoles e as rimas do sertão.

Eu não posso lhe invejá
Nem você invejá eu
O que Deus lhe deu por lá,
Aqui Deus também me deu.
Pois minha boa mulhé,
Me estima com muita fé,
Me abraça, beija e quer bem
E ninguém pode negá
Que das coisa naturá
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade.
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um espêio,
Já lhe dei grande consêio
Que você deve tomá.
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá que eu canto cá.

(Patativa do Assaré, 1978 p. 25-38)

Nestas últimas estrofes é visível a figura de um homem cheio de satisfação com a vida que leva no sertão, sendo visível em suas palavras de argumentação um forte sentimento de gratidão e conformidade, associando o passado, presente e futuro, tanto seu, quanto do homem da cidade, não somente às decisões tomadas por cada um, enquanto seres humanos no decorrer de suas vidas, mas também a Deus, expressando semelhanças entre as duas realidades e afirmando que tudo deve permanecer da maneira que estar.

Embora cada uma das obras citadas anteriormente tragam narrativas independentes, peculiaridades únicas e uma identidade própria, todas estão representadas a partir do gênero poético: *Morte e Vida Severina* possui uma estruturação de versos mantendo a todo momento um equilíbrio entre ritmo e rima. *Cante Lá que Canto Cá*, por sua vez, encontra-se estruturada em uma construção de estrofes com dez versos cada. Todas as obras se encontram ambientadas em um mesmo local do território brasileiro e cada uma traz uma representação do

sujeito sertanejo que possui múltiplas camadas. Todas as obras carregam um legado notório enquanto obras, sendo que todas possuem um valor referencial, acadêmico e afetivo, trazendo um intenso sentimento de nostalgia para diversas gerações de leitores que vieram a surgir após as suas respectivas publicações, sendo este um local de fala a qual estou pessoalmente inserido.

O fato de todas essas obras, tão diversas linguisticamente, carregarem em seus respectivos enredos nuances tão únicas, é algo que possui uma importância sem precedentes, sendo que a reflexão destes aspectos traz à tona uma conexão entre cultura e diversidade humana que muitas vezes tende a passar despercebida por uma considerável parcela da população. O incentivo à leitura de obras como essas, pode ser forte motivador para o fortalecimento de ações relacionadas à pluralidade cultural em nosso país, em suas mais distintas representações humanas e geográficas. Para Azevedo e Pessoa (2005, p. 1328), “é necessário, sim, conhecer a história brasileira e sua geografia, não só a geografia da natureza, mas a geografia humana que também é natureza, o ser humano com seu alto poder de domínio e transformação”.

A ampla adoção populacional de perspectivas sobre a região nordeste brasileira, e os nordestinos, fundamentadas em pensamentos de raízes coloniais e eurocêntricas, colaboram para a construção de inúmeros estereótipos e estigmas que visivelmente permanecem enraizados sobre o nordeste na sociedade brasileira em dias contemporâneos. Para se compreender o histórico de acontecimentos que levaram os estereótipos sobre o nordestino e, especificamente, o sertanejo, a se estabelecerem entre as distintas camadas da sociedade brasileira, remonto à contribuição de Scheel que diz:

O sertanejo é, antes de tudo, um conceito. A importância de uma distinção conceitual dessa natureza reside, num primeiro momento, em evitar que a leitura, análise e interpretação daquelas obras de caráter regional sejam feitas partindo das supostas características genéricas que estabelecem e distinguem, a priori, o que seria o regionalismo literário. Trata-se de uma inversão pouco desejável do método científico ou analítico, já que parte do universal (um conjunto codificado de caracteres estéticos aparentemente estáveis e de validade abrangente) para o particular (as próprias obras literárias que, por sua natureza, são sempre interpretações de mundo histórica, social e culturalmente localizadas no tempo e no espaço), não raro perdendo de vista a particularidade implicada no processo representacional para fazer com que as obras caibam confortavelmente no espaço pré-definido da categoria.

(SCHEEL, 2018 p.131-132).

Como o autor afirma acima, o sertanejo é um conceito difícil de ser analisado, seja em associações de caráter social ou em associações de caráter cultural. Isso ganha força a partir da perspectiva Scheel, que para facilitar a análise da categoria muitos recorrem a suposições genéricas, conhecidas popularmente para aprofundamento.

A complexidade estrutural e conceitual da poesia, por sua vez, é um dos aspectos característicos que a individualiza em comparação às demais faces literárias e a torna potente meio de análise, mesmo no campo da ciência da História e mesmo com problemáticas sociais que envolvem o desinteresse social por esse gênero literário. Segundo LIMA (2012, p. 1), “o desinteresse pela poesia na atualidade é, possivelmente, o resultado do descaso por ela enquanto gênero literário e instrumento de ensino em diversos momentos da história literária”. O desinteresse pela poesia, no que diz respeito ao território brasileiro, pode estar diretamente conectado com as tradicionais construções sociais ao associar expressões de caráter artístico, como a poesia, com um grupo específico da sociedade, dificultando assim a expansão ou encorajamento. Segundo dados presentes em uma matéria publicada em dezembro de 2001, intitulada “Por que não se lê poesia?”, disponível na página da “Revista Superinteressante”, o índice de livros não didáticos comprados por habitante no Brasil ao ano era de 0,8%. Em outras palavras, a maioria dos brasileiros não chegam a adquirir um exemplar sem fins didáticos ao ano. Na mesma matéria, o autor Fabrício Carpinejar aponta a ideia de que, popularmente, os brasileiros julgam obras como clássicos literários e poesias como algo chato ou desinteressante, embora a maioria das pessoas tenham o primeiro contato com a literatura através da poesia. Semelhante ao indivíduo que a idealiza, a poesia é algo complexo e multifacetado. Assim sendo, definir e delimitar uma definição estável e singular para a poesia, acaba se revelando uma tarefa potencialmente inconclusiva, uma vez que a poesia enquanto literatura está envolta dos aspectos de atemporalidade e universalidade, aspectos estes que não podem de maneira alguma serem meramente delimitados.

A poesia se encontra visivelmente sujeita a diversidade linguística, à diversidade social e aos distintos hábitos do cotidiano presentes em cada região do território brasileiro, podendo citar como exemplo a poesia popular nordestina: o cordel. Isso se conecta com uma afirmação de Doralice Pereira de Santana (2009, p.7): “A poesia popular, fenômeno cultural que tem origem no Nordeste do Brasil, é uma prática social consagrada através dos tempos pela tradição e quando vista como fenômeno de linguagem, representa um campo da atividade humana em que gêneros textuais são materializados na oralidade e na escrita.” A poesia popular nordestina (cordel), desde suas origens, narra a realidade dos sertões nordestinos e

registra literalmente o cotidiano e as tradições da região para a posteridade, com destreza, humor e um certo tom de ironia. A Poesia, em linhas gerais, possui uma versatilidade sem limites conhecidos, que permite com que ela própria seja apresentada de inúmeras maneiras.

5. METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa é nitidamente um tópico de suma importância, uma vez que, neste ponto, será abordado como a pesquisa será realizada. Segundo Felipe Fontana (2018, p. 66), “a classificação de uma pesquisa de campo em qualitativa ou quantitativa vai depender invariavelmente das técnicas de coleta, análise e interpretação das informações”. No caso desta, a pretensão é analisar diversos pensamentos e perspectivas a fim de apresentar resultados coesos que se relacionem diretamente com a temática e com o problema de pesquisa. Assim, esta é uma pesquisa de natureza bibliográfica, que consiste em um levantamento de obras publicadas acerca de uma determinada temática. Para tal, serão coletados materiais de caráter literário à disposição (como livros, artigos, jornais etc.). É importante frisar que a pesquisa bibliográfica “oferece o suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final” (FONTANA, 2018, p. 66). A partir disto, torna-se perceptível o quanto a maneira como a pesquisa bibliográfica é executada influencia diretamente nas demais etapas de uma pesquisa.

Esta pesquisa pretende, também, ter como bases de fundamentação o estudo de fontes históricas e o estudo de obras literárias, utilizando-se principalmente de obras poéticas de João Cabral de Melo Neto e Patativa do Assaré. As leituras para a pesquisa serão selecionadas de forma reflexiva e analítica. No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa poderão ser visitadas bibliotecas físicas, como a biblioteca pública do Estado do Ceará, além de espaços digitais, como o Google acadêmico e o SciELO. Por fim, uma vez que as obras que serão analisadas são de natureza poética, pretendo ficar atento a alguns aspectos específicos desse gênero, tais como: título, tema, contexto, forma, ritmo e métrica - além de metáforas e figuras de linguagem que podem ser encontradas ao longo da análise.

6. REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Cultura e identidade regional no nordeste do Brasil: um olhar sobre os estereótipos e as relações sociais rurais sertanejas. **Anais do X encontro de geógrafos da América latina, Universidade de São Paulo**, São Paulo, P 1322-1337, 2005.

BARROS, José D'Assunção. **A expansão da história**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CÂNDIDO, Antonio, Sobre o trabalho teórico, **Trans/form/ação: Revista de Filosofia da Unesp**, São Paulo, V. 1, p. 9-23, 1974.

_____. **Literatura e sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **O estudo analítico do poema**. 3ª Ed. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1996.

_____. **Vários escritos**. 4ª Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.

CÂNDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A Personagem de Ficção**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

CARPINEJAR, Fabricio. Por que não se lê poesia? **Revista superinteressante**, Matéria digital, São Paulo, Dezembro de 2001. Disponível em: https://super-abrilcom-br.cdn.ampproject.org/v/s/super.abril.com.br/cultura/por-que-nao-se-le-poesia/amp/?amp_gsa=1&_js_v=a9&usqp=mq331AQKKAFOArABIICAw%3D%3D#amp_ct=1670765873777&_tf=De%20%251%24s&aoh=16707658550556

<https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fsuper.abril.com.br%2Fcultura%2Fpor-que-nao-se-le-poesia%2F>. Acesso em 8 dez. 2022.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 1ª Ed. Jandira, SP: Principis, 2020.

DONZELLI, Aparecido; FONTANA, Felipe; MAZUCATO, Thiago Pereira da Silva; CHOTOLLI, Wesley Piante. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. 1ª Ed. Penápolis, SP: FUNEPE, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

LIMA, Jair Bontempo. A poesia: sociedade, leitura, interpretação e ensino, **Revista ícone**, Anápolis, Goiás, V. 9, P 38- 55, Julho, 2012.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina**. 1ª Ed. São Paulo: Alfaguara, Companhia das letras, 2007.

QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. 117ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

SANTANA, Doralice Pereira de. **Poesia popular nordestina: uma abordagem para o tratamento da relação fala-escrita**. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2009 (Dissertação de mestrado em Ciências Linguísticas).

SCHEEL, Márcio, O sertanejo é, antes de tudo, uma invenção: o regionalismo como condescendência crítica, **Revista insight inteligência**, Rio de Janeiro, V. 10 - N.º 1, Janeiro-Março, p 130-149, 2014.

STRAUSS, Claude Lévi. **Antropologia estrutural 2**. 1ª Ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

Publicações em sites diversos - blogs, sites institucionais, letras de música, enciclopédias etc

FRAZÃO, Dilva; **João Cabral de Melo Neto**, Poeta brasileiro; Disponível em: https://www-ebiografiacom.cdn.ampproject.org/v/s/www.ebiografia.com/joao_cabral_de_melo_netto/amp/?amp_gsa=1&js_v=a9&usqp=mq331AQKKAFOArABIACAw%3D%3D#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16707851694822&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fwww.ebiografia.com%2Fjoao_cabral_de_melo_netto%2F. Acesso em: 10 dez. 2022.

FRAZÃO, Dilva; **Patativa do Assaré**, Poeta brasileiro; Disponível em: https://www.ebiografia-com.cdn.ampproject.org/v/s/www.ebiografia.com/patativa_assare/amp/?amp_gsa=1&js_v=a9&usqp=mq331AQKKAFOArABIACAw%3D%3D#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16708019353749&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fwww.ebiografia.com%2Fpatativa_assare%2F. Acesso em: 10 dez. 2022.

7. ANEXOS

Cante Lá que Canto Cá (Patativa do Assaré)

Poeta, cantor de rua
Que na cidade nasceu
Cante a cidade que é sua
Que eu canto o sertão que é meu

Se aí você teve estudo
Aqui, Deus me ensinou tudo
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui
Que eu também não mexo aí
Cante lá, que eu canto cá

Repare que a minha vida
É deferente da sua
A sua rima polida
Nasceu no salão da rua
Já eu sou bem deferente
Meu verso é como a semente
Que nasce enriba do chão
Não tenho estudo nem arte
A minha rima faz parte
Das obra da criação

Você teve educação
Aprende muita ciência
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiencia
Nunca fez uma paçoca
Nunca trabalhou na roça
Não pode conhecê bem
Pois nesta penosa vida
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem

Pra gente cantá o sertão
Precisa nele morar
Tê almoço de feijão
E a janta de mucunzá
Vivê pobre, sem dinheiro
Socado dentro do mato
De alpargata serelepe
Pisando enriba do estripe
Brocando a unha-de-gato

Você é muito ditoso
Sabe lê, sabe escrever
Pois vá cantando o seu gozo
Que eu canto meu aparece
Em quanto a felicidade
Você canta na cidade
Cá no sertão eu enfrento
A fome, a dor e a miséria
Pra sê poeta deveria
Precisa tê sofrimento

Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de ouro
Para a gente sertaneja
É perdido este tesouro
Com o seu verso bem feito
Não canta o sertão direito
Porque você não conhece
Nossa vida apertada
E a dor só é bem cantada
Cantada por quem padece

Só canta o sertão direito
Com tudo quanto ele tem
Quem sempre correu estreito
Sem proteção de ninguém
Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó
Puxando o cabo da enxada
Na quebrada e na chapada
Molhadinho de suor

Amigo, não tenha quêixa
Veja que eu tenho razão
Em lhe dizer que não mexa
Nas coisa do meu sertão
Pois, se não sabe o colega

De quá maneira se pega
Num ferro pra trabalha
Por favôr, não mêxa aqui
Que eu também não mêxo aí
Cante lá que eu canto cá

Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu
Os livro do seu colejo
Onde você aprendeu
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa
Não precisa professô
Basta vê no mês de maio
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô

Seu verso é uma mistura
É um tá sarapaté
Que quem tem pouca leitura
Lê, mais não sabe o que é
Tem tanta coisa encantada
Tanta deusa, tanta fada
Tanto mistério e condão
E outros negócio impossível
Eu canto as coisa visível
Do meu querido sertão

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisa daqui
Pra toda parte que eu olho
Vejo um verso se bule
Se as vez andando no vale
Atrás de cure meus males
Quero repare pra serra
Assim que eu ólho pra cima
Vejo um divulgue de rima
Caindo em cima da terra

Mas tudo é rima rasteira
De fruta de jatobá
De fôlha de gameleira
E fulo de trapiá
De canto de passarinho
E da poeira do caminho
Quando a ventania vem
Pois você já tá ciente

Nossa vida é deferente
E nosso verso também

Repare que diferença
Existe na vida nossa
Em quanto eu tô na sentença
Trabalhando em minha roça
Você lá no seu descanso
Fuma o seu cigarro manso
Bem perfumado e sadio
Já eu, aqui tive a sorte
De fuma cigarro forte
Feito de paia de mio

Você, vaidoso e faceiro
Toda vez que qué fuma
Tira do bolso um isqueiro
Do mais bonito meta
Eu que não posso com isso
Puxo por meu artifício
Arranjado por aqui
Feito de chifre de gado
Cheio de algodão queimado
Boa pedra e bom fuzil

Sua vida é divertida
E a minha é grande pena
Só numa parte de vida
Nós dois samo bem igual
É no direito sagrado
Por Jesus abençoado
Pra consolar nosso pranto
Conheço e não me confundo
Da coisa melhor do mundo
Nós gozamos do mesmo tanto

Eu não posso lhe inveja
Nem você inveja eu
O que Deus lhe deu por lá
Aqui Deus também me deu
Pois minha boa muié
Me estima com muita fé
Me abraça, beja e que bem
E ninguém pode nega
Que das coisa natural
Tem ela o que a sua tem

Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão
Já lhe mostrei um respeito
Já lhe dei grande conselho
Que você deve toma
Por favor, não mexa aqui
Que eu também não mexo aí
Cante lá que eu canto cá